

A GRAVURA DE DÜRER é feita desbastando-se a madeira, com uma goiva e pequenas fâcas, em torno das linhas do desenho. As linhas ou arestas que permanecem em relevo recebem a tinta de impressão e são transferidas para o papel. Estas têm uma espessura mínima, as quais não podem ultrapassar determinados limites, correndo-se o risco de rompê-las. As cópias tinham inúmeros destinos: eram coladas nas paredes, em tampas de caixas ou em capas de livros e, até mesmo, em outras tábuas para que servissem à contemplação, como pequenos quadros.

SUAS INTERPRETAÇÕES de imagens da Antiguidade clássica greco-romana, e as cópias que realizou dos desenhos de Andrea Mantegna (1431-1506) e dos nus de Antonio Pollaiuolo (1432?-1498), recuperam a elegância quatrocentista de proporções, contornos e movimentos.

SUA PRODUTIVIDADE e criatividade o levaram a produzir trabalhos tão geniais e inspirados como *A pequena Paixão* (1509-1511), o livro do *Apocalipse* (1497-1498), inúmeras xilogravuras representando o martírio dos santos, os *Passos da Paixão de Cristo* (1497-1511) ou *A grande Paixão*, como também é chamado, e a *Vida da Virgem* (1500-1511), além de outros trabalhos com interesse documental ou de estudo clássico.

A GRAVURA EM METAL

DÜRER PASSOU A GRAVAR em metal após sua primeira viagem à Itália. A primeira série, gravada em torno de 1504-1512, foi *Paixão de Cristo*.

A GRAVURA A BÚRIL, também chamada talho doce, é realizada sobre uma prancha de cobre polido. Nela as linhas são escavadas com uma ferramenta apropriada - o buril. Nesta técnica, a gravação está em oposição direta à da xilogravura. As linhas ficam em baixo-relevo, enquanto na xilogravura elas são diferenciadas por seu alto-relevo. A impressão de uma gravura a buril é feita colocando-se uma folha de papel úmido sobre a chapa previamente entintada que é, então, apoiada numa prensa composta por dois pesados cilindros que comprimem, ao mesmo tempo, a folha de papel e a placa. A grande pressão exercida sobre os dois materiais faz com que a tinta de impressão, a qual ficou retida nos sulcos e incisões realizados pela ferramenta, seja transferida para a superfície branca do papel.

ASSIM COMO NA XILOGRAVURA, o gravador a buril parte de um minucioso trabalho de planejamento. Inicialmente são definidos os contornos gerais do desenho e, depois, num trabalho lento e minucioso, é realizada a incisão de cada linha, determinando zonas de maior e menor intensidades, o que permite aumentar os contrastes de tonalidades que vão do branco ao negro total.

UM DOS EXEMPLOS de grande beleza é a gravura *Adão e Eva*, datada de 1504. Esta gravura a buril é considerada como uma das realizações mais completas na obra de Dürer. Nela o artista colocou, pela primeira vez, seu nome em latim - Albertus Dürer Noricus - acrescentando a data da gravação. São conhecidos cinco estados desta imagem. Nos primeiros, as figuras são apenas delineadas. À medida em que progredia na gravação, o modelado dos corpos era acentuado: uma linha contínua envolve os corpos, transformando-os em cápsulas de sombreado composto por um refinado trabalho com a ferramenta.

EM 1504, DÜRER já havia estudado os mestres italianos e visto as famosas esculturas clássicas de Apolo do Belvedere, Vênus e Mercúrio. Pôde, então, estudar os movimentos e as proporções dos antigos mármore, reproduzindo sua antiga beleza.

DÜRER ESTUDOU os clássicos gregos e romanos do período do imperador Otaviano (40 a 25 a.C.), e trabalhou as proporções geométricas fazendo uso da medida áurea que era empregada, em toda a Antiguidade clássica, na arquitetura e na escultura. Usando régua e compasso, estudou as medidas da figura humana em toda a sua beleza. O artista combinou as idéias do Renascimento italiano, associando-as ao estilo gótico do norte da Alemanha. Estes corpos resultam, portanto, de uma profunda pesquisa sobre a proporção das medidas humanas, reafirmando aqui dois modelos de beleza clássica, exemplares no seu equilíbrio físico.

A GRAVURA *ADÃO E EVA* carrega um simbolismo caro à Idade Média e ao início do Renascimento. Erwin Panofsky aponta para os animais presentes na gravura, sugerindo que a mulher tem qualidades felinas enquanto o homem é fraco e suscetível como um pequeno camundongo. Vários outros animais aparecem ainda, e também estão carregados de significados, os quais, para o homem do século XVI, não apresentavam nenhuma dificuldade de entendimento. Adão segura com a mão direita um ramo da árvore da vida contraposto a outro ramo onde enrosca-se o símbolo do pecado - a serpente - que se contorce maliciosa, mordendo a maçã que está na mão de Eva. O papagaio no ramo da árvore